

**Notas sobre sensibilidade estética e política em*****América (1932)*, de Monteiro Lobato**

GOSHAI DAIAN LOUREIRO\*

**1. Sentimento nacional e sentido da infância**

Edgard Cavalheiro, o fiel biógrafo de Lobato, conta uma anedota deliciosa sobre sua nomeação para adido comercial nos Estados Unidos. Segundo ele, dizia o próprio que certo dia fora chamado ao Palácio pelo presidente Washington Luiz. Este desejava mandá-lo para o exterior, não apenas para evitar qualquer incidente – Mr. Slang, seu *alter ego*, acabara de declarar a inutilidade do Exército e da Marinha num capítulo intitulado “Do Parasitismo Camuflado”! –, mas para que Lobato “se convencesse de que o Brasil não era tão ruim quanto ele dizia” (VOI, p. 288). Se esse o motivo, então o tiro do presidente saiu pela culatra. Lobato não apenas reforçaria seu diagnóstico do atraso brasileiro no contato com a América do norte, como Slang retornaria às páginas dos livros reiterando várias de suas convicções anteriores. As circunstâncias responsáveis pelo retorno ao personagem não seriam, contudo, as melhores. Lobato tivera de vender sua sociedade com Octales Marcondes Ferreira na Companhia Editora Nacional para cobrir os investimentos perdidos no *crack* da bolsa de Nova York. Sem sua parte na sociedade, restava-lhe o salário do cargo comissionado, que temia perder em função dos abalos iminentes no governo brasileiro (*idem*, p.297 *et. seq.*)

Data deste mesmo período conturbado o seu interesse por uniformizar as aventuras de Pedrinho e Narizinho, juntamente com os planos para a adaptação de *Robinson Crusoe* e *Peter Pan*. O próprio Lobato admitia em suas cartas, como Cavalheiro bem assinala, que o seu retorno à literatura depois de quatro anos sem publicar um livro, era motivado pelo arrocho financeiro. “Só me volto para as letras quando o bolso se esvazia” (LOBATO apud *idem*, p. 299), cita-lhe o biógrafo, que mais adiante, porém, fabulará no livro outra versão para a elaboração de um projeto de literatura infantil pelo autor:

Em New York, numa tarde desocupada, a saudade da Pátria começa a doer-lhe. Como uma tela, vê desfilar lentamente todo o passado. Na metrópole de aço e cimento armado, em meio ao bruaá acachapante de milhares de autos e milhões de pessoas estranhas que passam, sentado

---

\* Doutorando em História das Ciências pela Casa de Oswaldo Cruz; bolsista CAPES.

numa praça acolhedora, em que pensa o homem solitário? Na Fazenda, na velha Paraíso, no ribeirão, nos lambaris ariscos, no cavalinho pangaré, no pomar, na rede rangedora, na batida velha da porteira. A infância volta inteira, insubstituível. A primeira entrada na floresta. O circo de cavalinhos. As irmãs. O alpendre. O colo materno... O mundo da criança se reconstitui, sereno, perfeito, e aquilo lhe dá prazer. Um prazer insuspeito que a tempos não sentia. Ao regressar à casa fecha-se no escritório, toma os livrinhos largados num canto da estante, re-lendo-os com infinito agrado. Chega a ficar comovido. Não pensara, até aquele momento, que naquelas historietas o melhor era o seu próprio mundo infantil que, meio inconscientemente, reconstruíra, com a pureza e a inocência que só as lembranças da infância permitem ao adulto (VO2, p. 163)

Há uma tensão latente no texto de Cavaleiro, como se depreende do preâmbulo que acabo de armar aqui. A hesitação de Lobato quanto a sua “vocação” para escritor fará com que o biógrafo a todo o momento tente reconciliar seu “lado escritor” com seu “lado empresário”, preocupado em demonstrar a qualidade literária de seus textos. A tese da epifania infantil é o ponto de culminância de um argumento, introduzido desde os primeiros capítulos da biografia, que enfatiza um *sentido lírico* da infância nas histórias do sítio do Picapau Amarelo<sup>2</sup>. Esse não seria, contudo, o único sentido da infância discernível nas histórias do escritor. De fato, e isso se tornará mais claro à partir da década de 1930, Lobato passará a aspirar também um *sentido sociológico* para a infância, enquanto chave de uma reforma moral da sociedade brasileira. Este sentido, aliás, contrasta fundamentalmente com a interpretação lírica assinalada acima. E se o *fiat lux* desse processo se dá a partir dos Estados Unidos não é por mera coincidência, saudade ou necessidade financeira.

## 2. O diálogo como um modo de conhecimento

Uma leitura atenta de *América* permitirá divisar o que seriam quiçá as primeiras linhas desse movimento de pensamento. Publicada originalmente em 1932 na coleção

---

<sup>2</sup> “Dando um balanço nas lembranças de infância, de que se recordará Monteiro Lobato velho? Das aventuras da Fazenda, quantas não terão sido transportadas para as aventuras dos habitantes do Sítio do Picapau Amarelo? Pedrinho caçando onças, é Juca de Flaubert em punho penetrando nos capões do mato de Santa Maria. Os lambaris do ribeirão das Águas Claras fisgaram muitas vezes o anzol da vara de pescar que empunhava trêmulo de emoção. Dos brinquedos com os sabugos de milho, sairia mais tarde o Visconde de Sabugosa; o Rabicó comera certa vez enorme abóbora reservada a Dona Olímpia... Vó Anacleto contava-lhe histórias, era paciente como todas as vovós, e deixava-o e as irmãs fazerem tudo quanto queriam” (VO1, p. 14)

“Viagens” da Companhia Editora Nacional, a novela passa a limpo a experiência de Lobato nos Estados Unidos entre 1927 e 1929, período em que foi adido comercial do governo brasileiro no país. Nela o autor reprisa os papéis do narrador anônimo e do “inglês da Tijuca”, protagonistas de *Mr. Slang e o Brasil*, de 1927. Depois das partidas de xadrez em que discutiam a política do governo Washington Luiz, os dois personagens se reencontram casualmente em Washington, D.C., donde seguem a passear juntos por alguns dias. Visitam a capital e Nova York, por vezes referindo-se também a Detroit e Filadélfia. O roteiro coincide em alguns pontos com o da estadia do escritor no país, mas apesar da coincidência, *América* não é um livro autobiográfico.

Assim como *Itinerário*, que Ronald de Carvalho publicaria na mesma coleção em 1935, *América* é o relato literariamente estilizado de uma experiência pessoal. Havia um filão para isso no mercado editorial da época, distinto daquele em que circulavam os relatórios e ensaios sociológicos<sup>3</sup>. Assim, não pode passar despercebido o fato de que, ao invés do relatório, da crônica, do ensaio sociológico, Lobato optou por escrever e publicar uma novela, cuja pretensão não era só a de fornecer um quadro pitoresco da sociedade norte-americana, mas de desvelar ao leitor o seu *caráter nacional*<sup>4</sup>.

Em parte consumia-se literatura de viagens pela crença na possibilidade de se travar contato com a “cultura-com-C-maiúsculo” de outro país: contato mediado e enquadrado pela sensibilidade de um artista. Lobato sublinha este princípio nas primeiras linhas de *Na Antevéspera* (1933), mas elas vestem como uma luva sua novela do ano anterior: *América*. “Escrever é gravar reações psíquicas.” – diz ele – “O escritor funciona qual antena – e disso vem o valor da literatura. Por meio dela fixam-se aspectos da alma dum povo, ou pelo menos instantes da vida desse povo” (LOBATO, 1957, p.3). Essa passagem retoma em larga medida a função mediadora atribuída à sensibilidade artística

---

<sup>3</sup> Alguns anos antes, por exemplo, o relatório da viagem de Anísio Teixeira aos Estados Unidos saía por uma pequena tipografia de Salvador, tendo provavelmente uma circulação mais localizada (TEIXEIRA, 1928). Suas anotações pessoais sobre a viagem seriam integradas ao volume mais de meio-século depois, na edição contemporânea de suas obras completas (TEIXEIRA, 2006).

<sup>4</sup> Talvez a margem de ficção/poesia possível neste tipo de empreendimento tenha se contraído nas décadas seguintes, comprimida pelo avanço da especialização profissional e a consolidação de um modelo de jornalismo “imparcial”. Neste momento, porém, toda a série “Literatura Geral” das Obras Completas de Monteiro Lobato testemunha uma determinada liberdade de trânsito da ficção entre o entretenimento e a teoria social, o jornal e o livro. Grande parte da série é composta por volumes que reúnem “escritos de jornal” em “jornais livros” (VALENTE, 2010, p.23-24), isto é, coleções em que artigos da imprensa periódica vinham novamente a público, organizados segundo critérios do próprio autor. *Mr. Slang* foi escrito originalmente no formato de folhetim ao longo do ano de sua publicação, fazendo do diálogo dos protagonistas o comentário dos acontecimentos da vida pública do país.

pela estética do naturalismo. Em seu estudo sobre a presença de autores franceses em *A barca de Gleyre*, Bedê assinala que Lobato nutria um grande interesse pelas obras do crítico Zola, cujas palavras mais usadas “a fim de apresentar os pintores naturalistas eram ‘olhar’, ‘temperamento’, ‘personalidade’ e ‘individualidade’” (BEDÊ, 2007, p.70). Ele mobilizava estes preceitos nas críticas pictóricas que publicava nas páginas d’*O Estado de São Paulo* entre 1915 e 1919, mas é na sua correspondência pessoal que expressa de maneira contundente o rechaço a uma arte cópia da realidade, afastando-se do Zola romancista enquanto modelo.

Acho Graça Aranha [de *Canãa*] novo [, escreve a Godofredo Rangel a 20.01.1904]. Abre caminho para o artista-filósofo, o artista de cultura moderna que há de substituir os meros naturalistas descritivistas à Zola (mas sem o gênio esmagador de Zola). [...] O naturalismo acabou em fotografia colorida. [...] morreu no nítido fotográfico (LOBATO apud BEDÊ, 2007, p.71).

Esse ideal do “artista-antena-filósofo”, capaz de sentir *para* pensar, fundamenta o estilo de *América*. O livro retoma de *Mr. Slang e o Brasil* não apenas os personagens principais, mas principalmente uma forma discursiva específica: o *diálogo instrutivo*. Este é certamente o gênero mais cultivado pelo autor ao longo de seus escritos, em contos, novelas, livros para crianças ou artigos de opinião. Nos diálogos bem feitos, diziam os tratadistas do gênero no século XVII, “os interlocutores argumentam de acordo com o costume e a vida que cada um deles representa, e não como pensa o seu autor” (PÉCORRA, 2012, p.54). O tom didático, característico do seu estilo, revela um interlocutor oculto do diálogo: o leitor. É para ele que os personagens do livro debatem matérias *altas e elegantes* – o modelo de civilização, o caráter nacional e a vida política e econômica dos Estados Unidos – tanto quanto *baixas e vis* – a humanização dos cães, os maneirismos lingüísticos, as vedetes do Radio City, o crime organizado, os programas de rádio, etc. – sempre com vistas a um *fim justo*, que é o de deleitar, instruir e mover administrando o antagonismo dos contrários. Vagando entre a comédia e a ciência, sem apressar a verdade, o diálogo instrutivo aspira uma dignidade filosófica. Nele os tipos baixos (as *girls*, os cachorros históricos, Amos & Andy, as tiranas do *Women’s Club*, os homens divorciados) servem à narrativa tanto quanto os doutos (George Washington, Lincoln, Henry Ford), pois “o ignorante é a imagem verossímil do homem em geral,

cujo intelecto e desejo instintivo de saber estão presos à fraqueza de sua condição, necessitando buscar o auxílio na ‘companhia’ de outros” (PÉCORA, 2012, p.55).

Enlace idêntico une os protagonistas de *América*. “Compreendi, então, [diz o narrador no prefácio, ao reapresentar Mr. Slang,] que na minha simbiose mental com o meu inglês meu papel fora apenas de parasita – que tudo tira e nada dá em troca” (LOBATO, 1956, p.9). Se a riqueza do diálogo consiste na capacidade de orquestrar a complexidade de pontos de vista diversos, aqui, diferente de algumas das melhores histórias do Sítio do Picapau Amarelo, o consórcio dos protagonistas pode muito bem soar como instrumento de proselitismo. Liberto da prerrogativa de sinceridade-autenticidade do registro autobiográfico, Lobato é capaz de distribuir seu ponto de vista pelos personagens, talvez até distendê-lo e deslocá-lo um pouco, assumindo um olhar duplamente estrangeiro sobre as coisas do Brasil e dos Estados Unidos. Mas seria temerário falar aqui em autêntica polifonia (Cf. BAKHTIN, 1984).

### 3. Cultura e Consumo

Vimos que o estilo empregado por Lobato aspira uma dignidade filosófica; que nem as posições do personagem-narrador de *América*, nem as de Mr. Slang podem ser imputadas diretamente ao autor; e que devemos perseguir as teses principais do livro no jogo de seus personagens. Retomemos então, afim de devassar propriamente a obra, uma divergência singular entre a trajetória pessoal do autor e sua ficcionalização no livro. “Lobato chega a New York a 7 de junho de 1927” – reporta Cavalheiro – “Quinze dias depois escreve estar americanizado, possuindo automóvel, rádio e um belo apartamento. Em agosto começa a transmitir aos amigos as impressões do país” (VOI, p.293, grifo meu). O roteiro de *América* por sua vez começa pelo reencontro dos protagonistas na “parte histórica” de Washington. Durante o passeio, Mr. Slang lhe pergunta como anda sua “americanização”, ao que o narrador lhe responde mais ou menos assim:

Rápida, Mr. Slang [...] Esta cidade é pura insidia [...] esta inteirinha feita sob medida [...] armada como arapuca para americanizar quem chega. [...] Sem ter aberto um só livro, creio que assimilei, pelo menos, metade da história americana. Já sei quem foi Sherman, Hamilton, Steuben, Jackson...” (AM, p. 34).

Sobre Lincoln o narrador diz saber desde antes da ida aos EUA, mas Slang irá lhe retorquir o seguinte: “Engano seu, meu amigo. Antes de visitar o Lincoln Memorial

ninguém pode dizer conhecer Lincoln. Lá você vai *sentir* Lincoln – e compreenderá muita coisa daí por diante” (*idem*, grifado no original). Ao passar à limpo sua experiência norte-americana, Lobato opta por polir seu entusiasmo inicial e representar em estilo mais “elevado” a perspectiva do contato com a cultura norte-americana. O entusiasmo das *comodities*, porém, não sede lugar ao entusiasmo dos museus e da alta cultura histórica; conjuga-se com ele.

Consome-se Lincoln como se consome 'hot-dog'. Consome-se George Washington como se consome sorvete. Citações de seus discursos históricos, anedotas, ditos agudos, visões washingtonianas da política geral circulam no país como moeda de troco miúdo. [E] Na alta política ainda é o pensamento dos dois que conta como argumento decisivo" (*AM*, p. 33).

A deglutição de Lincoln tem um quê de antropofagia, mas o consumo, como relação com as coisas, tem algo de diferente da metáfora oswaldiana do ritual tupinambá. Na passagem citada o conhecimento histórico que circula não se modifica de um nível para outro, ele apenas se propaga, da maneira mais direta, objetiva, fluída e purgada de quaisquer impurezas. Contrapor em perspectiva conceitual estas duas imagens de pensamento modernistas demandaria um esforço à parte dessa comunicação. Neste momento da pesquisa eu gostaria de assinalar apenas que, para Lobato, a apreensão do caráter nacional norte-americano não se faz pela via da erudição histórica, mas pela reificação das *potencialidades da experiência imediata*. Cavalheiro buscará justificar seu biografado trazendo para o terreno da ação pragmática a interpretação dele sobre os Estados Unidos e o Brasil:

Escrito em 1929, é natural que muitas páginas de “América” tenham envelhecido. O cinema falado, sobre o qual se derrama com tanto entusiasmo, é hoje [1958] velharia. Assim como os programas radiofônicos, as discussões a respeito do voto secreto, do gangsterismo ou da lei seca. O que permanece de pé, como tema de estudos e análises, é o problema máximo resumido nessa pergunta:

“Por que dos dois maiores países da América, descobertos no mesmo ciclo, povoados com os mesmos elementos (europeu, índio e negro) libertados politicamente na mesma época, com territórios equivalentes, um se tornou o mais rico e poderoso do mundo, e o outro permanece atrofiado?”

Essa pergunta esteve sempre presente ao espírito de Monteiro Lobato durante os quatro anos de permanência na América. Sem descer a profundas análises sociológicas, e principalmente sem investigar as origens e desenvolvimentos de ambas as civilizações\*, tenta uma explicação, ou melhor, raciocina da seguinte maneira: somos pobres porque

ainda não exploramos os elementos básicos na formação da riqueza de um País – ferro e petróleo” (VOI, p. 301, grifo meu).

O asterisco aqui marca a presença de uma nota de Cavalheiro citando Vianna Mog em seu trabalho comparativo sobre bandeirantes e pioneiros. A nota do biógrafo visa purificar a interpretação de Lobato, distinguindo-a de uma interpretação propriamente histórica sobre o caráter nacional norte-americano, para apresentá-la então como um diagnóstico político. Todavia, o autor de *América* argumenta algo diferente em seu texto. Tal erudição histórica, embora necessária e útil, não o seria na sua forma *extensa*, a dos arquivos ou a dos tratados de história – uma tópica nietzscheana.

Eis a mesma idéia reformulada noutro momento do livro, em que os protagonistas visitam a Biblioteca do Congresso Norte-Americano. O capítulo em questão abre com aquela que é certamente a mais famosa máxima lobatiana: “um país se faz com homens e livros” (AM, p. 53). Atentemos, porém, para a trama discursiva em que ela se insere. Ter homens, argumenta o narrador, é ter “Washingtons” e “Lincolns”, esses sujeitos cósmicos, sínteses de uma época, tão difundidos pela imaginação histórica do século XIX. Ao passo que “ter livros” significa ter experiência humana acumulada; *acumulação* que se opera por via de uma *compactação do conhecimento racional*.

Mr. Slang certa vez me disse que o homem só tinha duas criações: a invenção do alfabeto e a descoberta do fogo. O alfabeto permitiu o acúmulo da experiência individual; o fogo abriu caminho para a dominação da natureza.

- Compreendo bem a primeira parte, mas tenho dúvidas sobre a segunda, objetei eu. [...]

- Basta por hoje que compreenda a primeira parte [, responde Mr. Slang]. A segunda compreenderá por si mesmo, se acaso for ter a um país de alta civilização industrial. Só num país de alta civilização industrial a coisa se fará tão evidente que você a aprenderá sem o auxílio dos óculos. [...]

O Destino me havia posto na América, país de alta civilização industrial, e pois eu estava próximo de, ou pelo menos apto para, compreender a segunda parte do axioma do meu amigo. E afinal, compreendi sem o auxílio dos óculos. Sim, fora magnamente o fogo a magna descoberta que... Não antecipemos” (AM, p. 46).

Aprender “sem o auxílio dos óculos” é, assim como na deglutição de Lincoln, uma metáfora para o sonho de uma relação *imediate* com a realidade, sem o hiato entre erudição e ação característico de um saber retórico e bacharalesco, diria Lobato, entre outros modernistas. A vitória do fogo sobre a letra estaria supostamente demonstrada de

maneira cabal pelo “gigantismo” americano: os arranha-céus, as indústrias, os *sub-ways*, etc, etc, imagens que abarrotam todo o livro. Elas são como que a prova de que aquela compactação é possível. Contudo, esta premissa só se sustenta a partir de uma crença pétrea no progresso material e moral da humanidade. A linguagem acionada por Lobato para afirmar essa crença já não é a de Condorcet, se não a de Spencer. E encontraremos nela um ponto bastante curioso, que levará o autor a infundir Mr. Slang com uma espécie de *sensibilidade primitiva*.

#### 4. Sensibilidade primitiva

Um artigo de Lobato publicado pouco mais de quinze anos antes de *América* nos ajudará a compreender melhor este ponto. Em 26.05.1915, antes do sucesso de *Urupês*, Lobato publicava na imprensa uma crítica violenta a *O problema nacional brasileiro* de Alberto Torres. Para contra-argumentar as teses do livro o escritor chega a personificar São Paulo, o estado da federação, para que responda às críticas que lhe fizera o “sociólogo fluminense”, e em seguida “um fazendeiro vizinho”, que responde assim:

– *Pode ser que o livro tenha razão; mas eu vou derrubar aquela mata e plantar 30.000 pés de café.*

– *Não obstante, o sr. reconhece, como ele aqui diz, que o seu ato vem perturbar as condições climáticas do país; cada árvore destruída é uma pouca de umidade a menos roubada à coletividade. Escassearão os mananciais que as geadas não suprem...*

– *As geadas? não sabia disso.*

– *De modo que bem ponderado o sr. comete um crime contra o país.*

– *Perdão, eu não vou fazer terreiro lá! Não vou destruir, vou substituir as árvores inúteis do capoeirão por árvores produtoras de café, que já enriqueceram meu avô, meu pai e me enriquecerão a mim. Aquele capoeirão já foi cafezal n’outros tempos. Esteve em descanso durante trinta anos e hoje é só cabetê do legítimo, unha de vaca, jangada e caquera, vestimenta de primeira. Planto ali e largo os 30.000 pés velhos do Varjão. Nestes 40 anos encontrarão lá meus filhos ou netos a terra recomposta como eu hoje encontro esta.*

– *Mas...*

– *E além disso eu cuido da minha vida; o governo que cuide do clima. Tinha graça ficar eu adorando o capoeirão porque esse Dr. do livro acha não sei que, não sei que! (LOBATO apud *idem*, p.213)*

O senso prático do caipira, embora ignorante, é valorizado nesta passagem por sua conexão direta e imediata com a realidade nacional, capaz por isso de suplantar qualquer “achismo” sociológico. Lima (1999) assinalou o enquadramento evolucionista da imagem do Jeca Tatu sobre o caipira paulista. Assinalou também os esforços do escritor



entre as décadas de 1910-20 para modelar a sua própria imagem como a de um “intelectual-jeca”, i.e., *autenticamente brasileiro*. Podemos agora ligar as duas coisas.

A tensão entre “senso comum” e “saber douto” encenada na passagem acima reapparece de maneira diferente – mas não incompatível – em *América*. O ponto de partida do segundo livro é a retomada, pela voz do narrador-personagem, da assimetria que havia entre ele e Mr. Slang no livro anterior. O inglês da Tijuca é apresentado novamente como um “homem de singular filosofia”, que “pensava em linha reta e via com *nitidez*” (LOBATO, 1956, p.8. Grifo meu), ao passo que o personagem do narrador, longe do seu convívio, retroagira mais uma vez a um simples “pedaço do bicho Toda-Gente” (*idem*, p.9). A sabedoria de Mr. Slang não é sociológica. Ela deriva da experiência de suas viagens ao redor do mundo, sobretudo do propósito dessas viagens: saciar sua “mania de estudar revoluções ‘únicos momentos em que o velho instinto predatório se revela no absoluto da nudez primitiva’, costumava dizer” (*idem*, p.8).

Se no livro com o seu nome Slang era descrito como um estudioso do “parasitismo”, sinônimo de ineficiência estatal e econômica do Brasil, nos Estados Unidos este personagem se volta para outro fenômeno descrito como “natural” por Lobato: a irrupção de energias criadoras numa sociedade. As novas formas sociais que identifica na sociedade americana – certo igualitarismo entre homens e mulheres, a negociação entre pragmatismo político e puritanismo, a relação “humanizada” com os pets – são entendidas por ele como produto da capacidade de *imaginação/fantasia* do norte-americano, capacidade esta que, na hierarquia das teorias evolucionistas do progresso dos povos permanecera no final da escala, como apanágio dos *povos primitivos*. Daí uma série de associações entre a figura do norte-americano e algumas figurações clássicas do primitivo que emergem ao longo da obra. Há uma conexão, muito sutil para ser percebida pela maioria dos leitores de hoje, entre determinados qualificativos usados pelo autor para descrever a América: “troglodita”, “feminina”, “infantil”.

À guisa de conclusão, consideremos esquematicamente o seguinte argumento: ao menos desde o romantismo alemão concebe-se a diferença entre os povos civilizados e os povos primitivos não como uma diferença de localização, hábitos ou costumes, mas de *modos de sentir e pensar* distintos. Sob esse registro funda-se todo um estilo de pensamento para o qual a característica central de uma *sensibilidade primitiva* seria a ausência, de um ponto de vista moderno, de uma distinção firme e racional entre o mundo

interior do sentimento e a ordem exterior da existência (BELL, 1972, p. 7-8). A implicação disso é de que o primitivo opera projetando seus desejos e necessidades diretamente sobre o mundo exterior, pautado por uma noção de *eficácia*. Curiosamente, o signo *eficácia*, muito presente nas concepções de magia analisadas por Durkheim e Mauss, Cassirer e Levi-Strauss, reaparece no contexto das interpretações sobre o capitalismo industrial e tardio. Para arriscar uma hipótese: o contexto de crise da categoria “civilização” no ocidente nas primeiras décadas do século XX, aceleração da temporalidade histórica e explosão da acumulação material sob o capitalismo, fomenta em Lobato e outros de sua geração um desejo de ação que se expressa como uma retomada da linguagem das paixões e das emoções como antídoto ao racionalismo estéril da erudição bacharelesca. E um dos modos de expressar esse desejo, numa linguagem profundamente marcada pelo cientificismo evolucionista, é através de uma nostalgia do homem civilizado pelo retorno às condições pré-civilizadas da existência. Em suma: um modo historicamente peculiar de aludir à imaginação, espontaneidade e flexibilidade moral como virtudes importantes naquele contexto de avanço do capitalismo<sup>5</sup>.

[PERSONAGEM-NARRADOR] Apesar de estupidificado pela educação, o pobre adulto conserva dentro de si a criança que foi – e sorri sãmente, animalmente, todas as vezes que algo lhe fala a essa criança. Assim se deu comigo. Pus-me a sorrir o sorriso puramente biológico, sem intenção, sem causa – o sorriso da criança solta. [...] Mocidade: arranco da infância, salto que a vai transportar dum mundo para outro... Salto, sim... Estado de levitação. A mocidade, como salto que é, bóia no ar, levita-se na euforia do amor. Depois vem a queda – o chão duro e áspero do resto da vida – a idade do adulto, a fase que enchia de horror ao sábio Peter Pan... (AM, p. 212; 215)

### **Bibliografia:**

[AM] LOBATO, M. **América**. 7<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.

[VO] CAVALHEIRO, E. **Monteiro Lobato: vida e obra**. Vols 1 e 2. Brasiliense, 1955.

BAKHTIN, M. M. M. **Problems of Dostoevsky's Poetics**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.

---

<sup>5</sup> No espaço deste trabalho, pretendi avançar um conjunto de reflexões prévias apresentadas em agosto do ano passado no Seminário de Pesquisa “Pensamento Social em Instituições do Rio de Janeiro” (LOUREIRO, 2012) sobre o tema do primitivismo em textos de Monteiro Lobato e Oswald de Andrade. Estas notas fazem parte da pesquisa de doutorado em desenvolvimento sob orientação da professora Nísia Trindade Lima, intitulada provisoriamente “Primitivismo, Americanismo e Elogio da Infância na Literatura de Monteiro Lobato (1920-1933)”.

BEDÊ, A. L. R. **Monteiro Lobato e a presença Francesa em A barca de Gleyre**. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2007.

BELL, M. **Primitivism**. London: Methuen, 1972.

CAVALHEIRO, E. **Monteiro Lobato: vida e obra**. Brasiliense, 1955.

LIMA, N. T. **Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional**. Rio de Janeiro: IUPERJ/UCAM, Editora Revan, 1999.

LOBATO, M. **América**. 7<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.

LOBATO, M. **Na Antevéspera**. 8a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957.

PÉCORA, A. Dalla Apologia Dei Dialogi. Uma apresentação da obra de Sperone Speroni. **Revista CULT**, v. 15, n. 175, p. 54–55, dez. 2012.

TEIXEIRA, A. **Aspectos americanos de educação: Relatório apresentado ao governo do estado da Bahia pelo director geral de instrução, commissionado em estudos na America do Norte**. Salvador: Tipografia S. Francisco, 1928.

TEIXEIRA, A. **Aspectos Americanos de Educação & Anotações de Viagem aos Estados Unidos em 1927**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

VALENTE, T. A. **Monteiro Lobato nas páginas do jornal**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.